

A DIFUSÃO DO IMAGINÁRIO INCONFIDENTE PELA IMPRENSA MINEIRA

AUGUSTO HENRIQUE ASSIS RESENDE*

Minas Gerais foi palco de muitos embates sociais ao longo de sua história. Todavia o mais destacado deles ocorreu em fins do século XVIII e ficou conhecido como Inconfidência Mineira, ou mesmo Conjuração Mineira. Muito se especula sobre a finalidade do movimento de 1788-9, havendo quem acredite que mirava à liberdade de Minas Gerais; há os que creem que visava a independência do que atualmente se delinea como o Brasil; e os que julgam que os conjurados buscavam uma forma de a tributação portuguesa ser mitigada.

Ainda que até o presente momento não haja um consenso historiográfico relativo aos propósitos da Conjuração Mineira a versão mais difundida dos fatos desde o fim do século XVIII, mas principalmente durante o XIX, foi a de que os inconfidentes planejavam a independência da América portuguesa. Portanto, a crença mais corrente é a de que este movimento ocorrido no período colonial e inspirado na “revolução americana” teria estimulado a independência brasileira 33 anos mais tarde, em 1822.

O viajante britânico Richard Francis Burton em viagem pela Província de Minas Gerais em 1867 e após ler alguns livros e apontamentos relativos a Minas Gerais, e ouvir acerca da tradição contada na Província tinha razões para acreditar que Tiradentes foi um dos defensores da independência da América portuguesa. Em passeio pela capital Ouro Preto, um dos pontos visitados pelo britânico foi a rua na qual ficava a casa que Silva Xavier viveu. A respeito do alferes e do movimento de 1788-9 Burton pensava que “[...] Aquela casa nos traz à lembrança o tempo de um movimento popular, do qual esta grande e heróica Província tem razão de se sentir orgulhosa, por ele ser ligado diretamente à Independência do Brasil [...]”. Como veremos adiante não foi somente Burton que acreditava numa relação entre o movimento mineiro e o grito do Ipiranga. Continua o viajante:

* Mestrando na Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP. Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

É evidente o caráter democrático da insurreição que o governo chamou de Conjuração ou Levante de Minas, e que hoje é conhecido popularmente como Inconfidência e tornou-se tão 'sagrado' como nossa Grande Rebelião. Os conspiradores [...] Tinham resolvido proclamar a independência e a liberdade e se propunham a abolir os odiados 'quintos' e outras extorsões reais; cancelar todas as dívidas da Coroa: abrir o proibido Distrito Diamantino e fundar uma universidade em Vila Rica e uma capital em São João del Rei. Tinham escolhido uma bandeira e as armas [...] Evidentemente, a intenção dos inconfidentes, em sua 'embrionária tentativa', era estabelecer uma república em Minas e nas capitânicas vizinhas. Isso aconteceu em 1788 [] (BURTON, 1976: 290)

Burton não teve acesso a uma bibliografia rica do ponto de vista historiográfico – como exemplo a primeira obra historiográfica a tratar do tema foi a *História da Conjuração Mineira*, de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, e que só foi publicada seis anos após a estada de Burton por Minas Gerais –, ademais contava muito com os relatos orais, que nem sempre são confiáveis, e no caso da história da Inconfidência havia o agravante do apagar de muitos rastros pela passagem do tempo.

Todavia, para esquadrihar melhor os aspectos políticos no decorrer do oitocentos mineiro lançaremos mão de um artifício que acreditamos ser suficiente para abordar de maneira satisfatória o contexto político do fim do século XIX. Por meio da pesquisa em jornais são-joanenses e ouro-pretanos ligados a partidos políticos tencionamos visualizar e entender a apropriação que era feita relativamente aos conjurados mineiros. A escolha de jornais das duas localidades se deu para que uma comparação pudesse ser feita entre as táticas de cada um dos jornais, fossem eles de tendências diferentes ou iguais. Neste caso mesmo que um jornal são-joanense e um ouro-pretano representassem o partido Liberal, por exemplo, poderiam pertencer a grupo/grêmios políticos diferentes dentro da Província.

Para a realização desse estudo pesquisamos seis jornais, sendo três de São João del-Rei e três de Ouro Preto. *O Arauto de Minas* (Conservador), que foi editado de 17 de março de 1877 a 24 de dezembro de 1889. Seu proprietário e redator era o professor são-joanense Severiano Nunes Cardoso de Resende. *A Patria Mineira* (Republicano), cujo período de existência abarca de abril de 1889 a maio de 1894 e tinha como redator Sebastião Sette; e *A Verdade Política* (Liberal), que perdurou de setembro de 1888 a dezembro de 1889, cujo redator responsável era Carlos Sanzio de Avellar Brotéro. Ademais, outra cidade que contava com diversos periódicos era Ouro Preto, dos quais utilizaremos *A Provincia de Minas*

(Conservador), que funcionou de 1878 a novembro de 1889 e tinha como sócios: Pedro Maria da Silva Brandão e José Pedro Xavier da Veiga; *A Actualidade* (Liberal), cujo primeiro número data de março de 1878 e vai até novembro de 1881, que tinha por redator Carlos Afonso de Assis Figueiredo; e o *Liberal Mineiro* (Liberal), que funcionou de 1877 a 1889 e era propriedade de Carlos Gabriel Andrade, passado em novembro de 1885 para Bernardo Pinto Monteiro.

Ambas as cidades tiveram um fluxo muito grande na produção de jornais desde o início do período monárquico, quando a imprensa era relativamente nova no país e a partir de então quase sem cessar. A Província de Minas Gerais encabeçada por Ouro Preto e São João del-Rei, respectivamente, teve dois momentos marcantes na imprensa, entre 1825 e 1842, e a partir da década de 1870. Alex Lombello Amaral (2008) indica que no primeiro recorte mais de 60 jornais circularam em Minas, e que o apogeu desse periodismo se deu em 1831. Duas importantes folhas periódicas desta fase foram: *O Universal* (1825-1842) de Ouro Preto, ao que se sabe o primeiro jornal fundado em Minas Gerais; e *O Astro de Minas* (1827-1839), o primeiro de São João del-Rei. Pelo espaço cronológico em questão e a forma como os dois jornais atuaram, Amaral assinala que o periodismo mineiro é majoritariamente ligado à política. Explica ainda que esse recorte cronológico, que coincide em sua maior parte com o período regencial, se deveu à ausência da figura do Imperador (AMARAL, 2008: 6-8).

Amaral aponta para a grande inconstância na produção jornalística em São João del-Rei, embora sem fazer uma análise para a capital mineira, no intervalo de tempo de três décadas, que decorreu do fim das publicações nos anos 1840 às iniciais dos anos 70. De acordo com o autor, no caso de São João del-Rei se nota ainda que muitos jornais atuantes nas décadas de 1870-80 – quando a imprensa é retomada amplamente e com o auge em 1889 – tinham relações estreitas com os três partidos do período: Conservador, Liberal e Republicano. Não obstante, a década de 1870 que já vira nascer muitos periódicos liberais em São João del-Rei, ainda não vislumbrara nenhum jornal ligado ao partido Conservador. Os muitos jornais liberais, com a inconstância em suas publicações e os curtos períodos de vida, mostram uma fragilidade, senão uma falta de organização do partido Liberal são-joanense. Contudo, apesar de o partido Conservador ser mais estável que o Liberal em São João del-Rei,

ele ainda não se organizara para formar uma folha partidária. Foi somente em março de 1877 que tal passo foi dado (AMARAL, 2008).

Principalmente a partir da década de 1870 muitas referências aos conjurados mineiros foram feitas nas páginas dos jornais mineiros. Os envolvidos na Conjuração Mineira eram há muito citados, comentados e representados pela literatura, por alguns “clubs” e começavam a estar cada vez mais presentes na imprensa. Mas com a criação do partido Republicano, em 1870, há uma intensificação da apropriação dos conjurados. Em partes isso se dava pelo momento político conturbado que o país atravessava, pois após a guerra contra o Paraguai a monarquia foi sensivelmente abalada e passou a sofrer questionamentos cada vez mais fortes. Somadas às insatisfações decorrentes da guerra; reformas do sistema eleitoral, como as de 1881 e 84; e leis que reviam ou amenizavam o sistema escravista; etc. O Imperador, principal sustentáculo do regime monárquico, já não tinha a mesma vitalidade de anos anteriores, tendo em vista alguns problemas de saúde e a idade que começavam a se fazer sentir. Assim, não se tinha uma expectativa favorável à passagem do Segundo para o Terceiro Reinado (MORAIS, 1985).

Com o fortalecimento dos republicanos crescia também o culto à imagem dos inconfidentes. Mesmo quando ainda eram organizados em alguns clubes ou imersos nas fileiras do partido Liberal, as pessoas de tendência e inspiração republicana já cultuavam o imaginário inconfidente num vislumbre de um futuro incerto. Para combaterem simbólica e ideologicamente o regime monárquico os republicanos tinham que se apoiar em figuras com um forte apelo nacional e que proporcionasse a eles a legitimidade para um novo regime, um governo republicano pautado em tradições do passado nacional e que fosse avesso à herança monárquica.

Entretanto a apropriação relativa aos conjurados mineiros não se restringia aos membros do partido Republicano nem aos simpatizantes da causa da República no Brasil. Os políticos monarquistas, fossem eles conservadores ou liberais, também lançaram mão do simbolismo inconfidente. Isso se faz evidente nas páginas de seus jornais, que em inúmeras vezes eram a voz do partido em determinadas regiões. Assim como pelas páginas da revista

do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que em diversas oportunidades representou algum membro da conjura de 1788-9.

A busca e a apropriação de símbolos de um passado glorioso, que desse suporte e autenticidade a governos vigentes e vindouros – pois se buscava nesse passado justamente elementos que garantissem estabilidade para o presente e até para o futuro – é essencial para se entender o jogo político do último quartel do século XIX. Para os monarquistas era fundamental se passar a ideia de que o legado dos conjurados – a busca pela liberdade de Minas e do Brasil – foi concretizado por D. Pedro I em Sete de Setembro de 1822. Mostrar uma sintonia entre as imagens de Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e outros conjurados, com a do primeiro Imperador do Brasil era imprescindível para se dominar o imaginário social, algo significativo para quem detivesse o poder político.

Já os republicanos tentavam demonstrar, em sua luta pelo poder, que Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes – e sua busca por liberdade – fora vítima dos portugueses com a sentença de 18 de abril de 1792, e que o governo Imperial brasileiro era a continuação do governo português, já que a monarquia bragantina ainda se achava no trono brasileiro. Isto é, os republicanos tentavam demonstrar uma oposição clara entre Tiradentes e D. Pedro I para tentar enfraquecer o regime monárquico, já que fora este regime – quando o Brasil ainda era uma colônia – que frustrara a primeira tentativa de independência de um país que os partidários da República acreditavam ter vocação para ser republicano.

Ainda que a imagem dos inconfidentes estivesse presente entre a sociedade brasileira já há algumas décadas, foi, sobretudo a partir de 1881¹ que aspectos da política, da literatura e da imprensa mineira refletiam uma tendência nacional em que a Conjuração Mineira estava novamente enleada junto ao povo: fosse por meio da nomeação de lugares de memória, através de festividades, em forma de livros literários e pelas páginas da imprensa. O certo é que a memória inconfidente estava viva entre parte da população brasileira desde muito antes do advento da República, tendo a literatura, a política e a imprensa importante papel na constituição desse fenômeno.

¹ Primeiro ano em que se comemorou – na cidade do Rio de Janeiro – publicamente a data de morte de Tiradentes como uma homenagem ao mártir da pátria.

E um importante difusor dos conjurados entre os muitos segmentos da sociedade foram os redatores dos jornais partidários. Não importava o tipo de artigo dedicado à memória da conjura ou de seus membros, se era laudatório, descritivo ou inflamador, o redator era o responsável por construir ou representar uma imagem que seria passada adiante por meio de suas linhas. Em meio aos membros dos partidos de então os redatores tinham função de grande destaque, pois eram eles que conseguiam transmitir entre os leitores e “ouvintes” uma forma de propaganda do partido, posto que quando um jornal de determinado partido se lançava ao enaltecimento dos conjurados ele fazia a aproximação dos ideais do partido com os supostos ideais de liberdade e independência dos conjurados.

Também importantes ao longo do século XIX foram alguns literatos ligados ao Romantismo, que usaram seu talento e suas penas para abordar a Conjuração Mineira ou algum de seus membros que tiveram mais relevo. Dentre os mais destacados literatos do período estão Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, Castro Alves e Bernardo Guimarães. Teixeira e Sousa escreveu a obra *Gonzaga ou a revolução do Tiradentes*, publicada em duas edições (1848-51). Com a obra *Gonzaga ou a revolução de Minas*, Castro Alves dedicou um título ao “Cristo da multidão”, tendência que se concretizaria com o transcorrer do oitocentos. Enquanto Bernardo Guimarães se dedicou a escrever um capítulo de seu livro – *História e Tradições da Província de Minas Gerais* – que dizia respeito à cabeça do mártir mineiro (SERELLE, 2002).

A difusão da história e das lendas ligadas aos conjurados mineiros já era perceptível, especialmente a partir dos anos 1880, pois que ao longo dos anos as publicações relativas à memória inconfidente aumentaram, e tal aumento pode estar atrelado à elevação do número nas comemorações cívicas, sobretudo as que aconteciam nas proximidades do dia 21 de abril. A imprensa teve papel decisivo na divulgação dos inconfidentes. Por meio de artigos editoriais ou em seções abertas a escritores diversos os jornais mineiros divulgavam festividades, comentários e exaltações aos mineiros do movimento de 1788-9. Apesar de nosso enfoque estar atrelado aos jornais partidários de São João del-Rei e de Ouro Preto, em algumas edições desses jornais é possível visualizar notícias de outros periódicos, já que havia uma prática comum de trocas de gentilezas, e informações, onde algumas tipografias enviavam suas edições a outras tipografias e recebiam destas seus exemplares em troca.

Isso pode ser exemplificado pela citação d’*O Arauto de Minas*, folha conservadora de São João del-Rei, que passava por um recesso no início de 1882 e que fizera com que o sexto ano do periódico se iniciasse apenas em 29 de abril daquele ano.² Portanto não houve tempo para se proceder à publicação que se daria por volta do dia 21 de abril de 1882, data que começava a ter significativa simbologia no calendário nacional, especialmente no mineiro. Como de costume os artigos que tratavam de Tiradentes se faziam presentes nas edições próximas ao dia de comemoração de sua morte, porém no ano de 1882 isso não foi possível devido ao recesso já citado. Desta maneira o redator Severiano de Resende transcreveu algumas linhas de uma interessante publicação de um jornal paulista:

Nenhuma palavra foi escrita pela imprensa campineira no dia 21 do corrente, nonagésimo aniversário do protomártir da liberdade brasileira, Joaquim José da Silva Xavier, vulto que se destaca com diamantino brilho e grandeza no cenário da nossa história política! Seria ingratidão? Seria esquecimento? Creio que foi só esquecimento.

Eu, filho da terra do mesmo berço de Tiradentes, confesso o meu pecado, esqueci [...] esse esplêndido sol de 21 de Abril de 1792!...

*Vou hoje ao correr da pena pagar um tributo à memória do legendário Mineiro com algumas palavras a respeito do seu nascimento e morte. []³ (*O Arauto de Minas*. Ano VI, n.º 3, 14/05/1882, p. 3. São João del-Rei.)*

Não precisamos ir além, mas o autor do artigo – Dr. Cassiano — ainda transcreveu a sentença de morte do alferes Tiradentes e continuou a tecer elogios ao inconfidente incriminado pela Coroa Portuguesa.

Inclusive era usual em tais jornais dedicar um pequeno espaço onde se publicava as notas de agradecimentos aos jornais que enviam seus exemplares. Isso fica evidenciado num segundo jornal, também alvo de nossas inquirições, o *Liberal Mineiro*, folha liberal de Ouro Preto. Nela se vê a correspondência com outro órgão da imprensa onde se indica que se recebeu da Corte o *Tiradentes*, “[...] folha que, **ha 7 anos, se publica em comemoração annual do grande martyr da liberdade**. No numero com que fomos obsequiados,

² E provável que este recesso tenha se dado pela eleição de seu redator, Severiano Nunes Cardoso de Resende, na Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

³ Este artigo foi transcrito do Diário de Campinas, escrito pelo Dr. Cassiano.

collaborarão diversos publicistas [...] Agradecemos”.⁴ (*Liberal Mineiro*. Ano XI, n.º 29, 25/04/1888, p. 3).

Mesmo que tenha havido tentativas de se resgatar a imagem de Tiradentes na década de 1870, principalmente pelos clubes republicanos das Províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, deve ser observado que foi com o início dos anos 1880 que houve sucesso na promoção da memória inconfidente. Deve-se ressaltar que a primeira celebração concernente ao 21 de abril aconteceu na Corte, em 1881 (CARVALHO, 2001). Conforme analisamos nossas fontes percebemos que com exceção de 1880 e 1887 em todos os outros anos houve publicações referentes aos conjurados de Minas, em especial sobre Tiradentes. No entanto 1882 deve ter tido relevância ímpar para os defensores da memória dos conjurados, pois foi o ano que mais teve publicações nos jornais que diziam respeito à Conjuração Mineira e a Tiradentes. Consequentemente foi o ano que mais vimos mobilizações sociais em torno do imaginário inconfidente. Toda essa agitação social tinha um motivo plausível, visto que em 21 de abril de 1882 completariam 90 anos da execução do inconfidente Joaquim José da Silva Xavier.

O excerto relacionado ao jornal da Corte, citado logo acima, também corrobora a importância do ano de 1882 no que toca às comemorações do aniversário de morte de Tiradentes, já que havia sete anos que tal jornal publicava edições referentes a este fim, como por nós foi destacado. Dos seis jornais que pesquisamos três apresentam muitas menções ao aniversário de morte de Tiradentes, com artigos variados a esse respeito: *O Arauto de Minas*, o *Liberal Mineiro* e principalmente *A Provincia de Minas*. Das edições 96 a 98 d’*A Provincia de Minas*,⁵ órgão Conservador de Ouro Preto, muito se fez para a divulgação dos festejos ao 9.º decenário de morte de Tiradentes. Como vemos na programação oficial:

Programma dos festejos do 9.º decennario de Tiradentes

Dia 20 de abril: Espetaculo em grande gala, que começará ás 8 horas da noute e logo após a chegada de S. Exc. O Sr. Dr. Presidente da Provincia por uma overtura e á grande orchestra intitulada Sondo da Independencia dividida em tres partes: - 1.ª Preludios; 2.ª Canto do Martyr; 3.ª apotheose, [...] Em seguida será cantado o Hymno de Tiradentes [...] sendo a poesia do laureado poeta Bernardo Guimarães [...] Ao terminarem os discursos que serão proferidos pelos illustrados e

⁴ Mantive a pontuação e a ortografia originais. Grifo nosso.

⁵ Escrito como no original, sem o acento ortográfico.

sympathicos oradores – Dr. Henrique Salles, Xavier da Veiga e Antonio Olyntho, como representantes da imprensa e da comissão central, effectuar-se-ha a Apotheose do Proto-martyr da Independencia.

Dia 21 de abril: Ao romper d'alva haverá uma salva de 21 tiros no jardim da praça e será tocado o Hymno de Tiradentes pela banda marcial do corpo policial, que em seguida percorrerá as ruas da capital. [...]

Dia 22 de abril: A's 8 horas da noite será levado a scena pela 2.^a vez o mesmo drama Abençoadas Lagrimas! precedido da overtura – Sonho da Independencia []⁶ (A Provincia de Minas. Ano II (novo período), n.º 96, 16/04/1882, p. 4. Ouro Preto.)

Em nota após o programa a comissão responsável pelo evento esclareceu que teve poucos recursos frente às grandes despesas e pediu que o público comparecesse às peças teatrais como uma forma de ajudar financeiramente. Além disso ressalta o convite para que a população participasse da conferência que se realizaria no teatro da capital.

No editorial do número 97 d'A *Provincia de Minas* o redator defendeu a utilização simbólica dos inconfidentes por qualquer partido político, não importando sua orientação. Além de descrever todas as atividades concernentes à comemoração ao 21 de abril destacou também a importância dos conjurados mineiros para a história nacional, mas principalmente para a história dos mineiros:

Desde a noite do dia 20 do corrente até a de hontem, a população ouro-pretana, em actos sucessivos e imponentes, manifestou bella e eloquentemente os sentimentos patrioticos que a animão para com os vultos legendarios da historia patria, precursores illustres da liberdade e da independencia nacional.

O objeto das entusiasticas manifestações foi a commemoração do 9.º decennario de Tiradentes, coração e alma da nobre e mallograda inconfidencia mineira, o mais ardente de seus adeptos e o mais gloriosos de seus martyres.

Sem distincção de classes e matizes politicos – todos se associarão no elevado pensamento da patriotica commemoração.

Assim devia ser. A conjuração mineira de 1789 não reflecte o exclusivismo de uma escola partidaria, como á alguns espiritos menos reflectidos se afigura.

Sua bandeira foi a da – Independencia e da Liberdade – e a bandeira da patria, sob cuja sombra protectora se acolhem todos bons cidadãos. Tiradentes, Claudio Manoel, Gonzaga [...] e tantos outros benemeritos propugnadores do movimento emancipador, só ambicionavão, quebrando o [sic] grilhões da escravidão colonial, construir para si e para seus conterraneos uma patria livre e independente.

⁶ Mantive a ortografia original, embora tenha alterado um pouco a forma com que o texto foi montado, já que boa parte dele é centralizado e tem título e subtítulos.

Liberdade e independencia não são privilegios exclusivos de nenhum regimen politico. [...] A memoria dos patriotas mineiros de 1789 é e merece ser venerada por todos os homens livres, quaesquer que seão as escolas políticas a que se filiem. [] (A Provincia de Minas. Ano II (novo período), n.º 97, 24/04/1882, p. 1. Ouro Preto.)

É sublinhada a participação popular nos três dias de evento, havendo grande concorrência do público para todos eles. É interessante que além da participação das variadas classes sociais é salientado que o Estado também se fez presente nas festividades, não só pelos seus altos funcionários, mas especialmente pela presença de Teófilo Otoni (filho), Presidente da Província. A participação de membros destacados do Estado mineiro nas comemorações aos inconfidentes e, principalmente ao alferes Tiradentes, denota a relevância dada à Conjuração Mineira ainda no período monárquico.

Como se percebe os redatores dos jornais por nós analisados eram importantes propagadores da simbologia inconfidente entre os filiados e os simpatizantes dos partidos em questão. Certamente eram dos principais membros dos partidos políticos, visto que eles poderiam ter um contato mais efetivo com os leitores, ainda que no caso dos jornais partidários a maioria destes tivesse afinidade com o partido que o jornal representava, e por isso espalhar o que o partido necessitasse que fosse divulgado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Alex Lombello. *Cascudos e Chimangos: Imprensa e política pelas páginas dos periódicos de São João del-Rei (1876-1884)*. Dissertação de mestrado defendida na UFJF em 2008.

BURTON, Richard Francis, Sir. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. (Reconquista do Brasil, v. 36).

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 11.^a reimpressão, 2001.

MORAIS, Evaristo de. *Da Monarquia para a República (1870-1889)*. 2.^a ed. Brasília: UnB, 1985.

SERELLE, Márcio de Vasconcellos. *Os versos ou a história: a formação da Inconfidência Mineira no imaginário do Oitocentos*. Tese de doutoramento apresentado ao Departamento de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.